

INFÂNCIA E FRANQUISMO: REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA *EL LUTE CAMINA O REVIENTA*, DE ELEUTERIO SÁNCHEZ.

ANA RAQUEL DE SOUSA LIMA – IFPI¹

RESUMO

Observa-se que muitas narrativas contemporâneas buscam trazer à tona expressões que, durante muito tempo, ficaram ocultadas, reminiscências que se tornaram recalcadas. Entre elas, verifica-se, no âmbito das catástrofes espanholas, expressões por meio da obra literária que evoca vivências de personagens infantis que representam as violências sofridas nesta época. Nesse contexto, este artigo se propõe a analisar as atrocidades sofridas pelas crianças na obra *El Lute Camina o Revienta* (2007), do escritor espanhol Eleuterio Sánchez, que, de forma impositiva, sofreram os maus tratos do período franquista, que iniciou em 1939, após a Guerra Civil Espanhola, e perdurou por aproximadamente quarenta anos. Para tanto, o suporte teórico se apresenta a partir das reflexões de Assman (2011); Casanova (2002); Crettiez (2009), Ginzburg (2012) e Agamben (2005). Verificou-se, portanto, que a vida dos personagens, especialmente, dos infantes durante o regime de Franco, foi permeada por dor, medo e angústia, uma vez que as repressões eram exercidas de maneira indiscriminadas pelos algozes do regime ditatorial.

Palavras-chave: Infância, Franquismo, *El Lute Camina o Revienta*.

1 Mestra em Letras – Literatura (UFPI), professora de língua espanhola no Instituto Federal do Piauí – IFPI. Participa do NUEHIS - Núcleo de Estudos Hispânicos (UESPI).E-mail:anaraquelthelima@gmail.com

INTRODUÇÃO

Giorgio Agamben (2005), refletindo a partir da ótica de um *experimentum linguae* e o conceito de infância, observa este último para além de um lugar cronológico e argumenta que tal conceito é uma tentativa de pensar sobre os limites da linguagem vislumbrando uma outra direção que não a do inefável. Para o filósofo, "o conceito de infância é acessível somente a um pensamento que tenha efetuado aquela 'puríssima eliminação do indizível na linguagem'". (AGAMBEN, 2005, p. 11). Para ele, a infância encontra o lugar lógico quando se relaciona experiência e linguagem. A "singularidade que a linguagem deve significar não é um inefável, mas é o supremamente dizível, a coisa da linguagem", afirma Agamben. Coaduna-se ao pensamento do dizível a argumentação de Rosani Umbach (2012, p. 218), em seu estudo sobre violência, memórias da repressão e escrita, quando ela observa que "memórias da repressão estão intrinsecamente associadas a experiências individuais de violência. E estão ligadas também à memória coletiva".

Pelo exposto acima, tem-se o ponto de partida para a análise deste artigo, uma vez que o texto narrativo *El Lute Camina o Revienta*, de Eleuterio Sánchez, apresenta, inicialmente, experiências infantis do personagem que evocam subjetividades das violências individuais e coletivas pelas quais ele e sua família foram vitimados durante os tempos franquistas e que, pela linguagem, tais vivências foram transfiguradas à arte literária. Diante disso, nota-se que as escritas literárias contemporâneas, que trazem em seu enredo vivências de tempos catastróficos, como os de guerra e ditaduras, que apresentam sensibilidades dolorosas expressadas pela arte literária por meio das impressões das personagens mediante reconstruções de acontecimentos históricos repressores.

Neste contexto, a questão para esta investigação vem à tona quando se busca compreender como as lembranças do protagonista enquanto criança, vítima dos atos agressivos da época do governo de Francisco Franco, na Espanha, se apresentam no texto literário, dado que tais vivências se substancializam através dos horrores vividos. Diante disso, é importante mencionar que a obra *El Lute Camina o Revienta* traz, em sua trilha narrativa, um personagem que nasce durante o franquismo espanhol – um sistema opressivo que surgiu após a guerra civil espanhola e que, durante quase quarenta anos, impôs uma ditadura que se substancializou por meio de atos violentos, dirigidos aos civis, especialmente, aos povos periféricos e aos que não aceitavam os desígnios ditatoriais franquistas.

Com isso, muitos foram exilados ou morreram, e os que permaneceram, conheceram o terror. Para Casanova (2002, p. 5), "La ditadura de Franco fue la única en Europa que emergió de una guerra civil, [...], persiguió sin respiro a sus oponentes y administró un cruel y amargo castigo a los vencidos hasta el final". Neste cenário, é que se percebe a narrativa, uma vez que o enredo está assentado em memórias infantis que, por meio da linguagem, transforma o indizível em dizível.

Sobre a ótica do indivíduo, memória e história, tem-se, nos estudos de Aleida Assmann (2011), uma contribuição no sentido de não excluir a possibilidade de as recordações históricas constituírem as lembranças do indivíduo, compreendendo-as a partir de um aspecto relacional, isto é, a memória individual, a coletiva e a histórica, ainda que exerçam funções distintas, no ato de reconstrução dos eventos podem estar imbricadas. Assmann (2011), após uma breve reflexão sobre as argumentações das memórias coletivas de Halbwachs e as percepções da memória histórica de Pierre Nora, pontua a possível complementariedade entre elas, especialmente no que concerne às individuais. Assim, ela apresenta uma nova perspectiva para se pensar as lembranças individuais e históricas. A pesquisadora sugere aplicar os termos memória habitada ou funcional e inabitada ou cumulativa. Para uma melhor compreensão dessas tipologias, esboçamos, a seguir, a definição para cada uma:

Denominaremos a memória habitada memória funcional. Suas características mais marcantes são referência ao grupo, à seletividade, à vinculação a valores e à orientação ao futuro. As ciências históricas, por sua vez, são uma memória de segunda ordem, uma memória das memórias, que acolhe em si aquilo que perdeu a relação vital com o presente. Sugiro atribuir a essa memória das memórias a designação memória cumulativa (ASSMANN, 2011, p. 147).

Chama a atenção, no olhar da estudiosa, a memória individual pois, segundo a pesquisadora, "a história de vida 'habitada' pelo indivíduo agrega lembranças e experiências e as situa em uma estrutura que define sua vida como autoimagem formativa, além de conferir - lhe orientação para agir" (ASSMANN, 2011, p. 148). Além dessas argumentações, ainda se pode acrescentar que essa forma de lembrar é seletiva e "atualiza apenas um fragmento do conteúdo possível da recordação" (ASSMANN, 2011, p. 148). Tal pensamento se coaduna com a perspectiva de Umbach (2012, p. 219), quando o autor pontua as experiências pessoais, enfocando que "a rememoração acontece de forma reconstrutiva, partindo do presente.

Dessa forma, necessariamente ocorrem modificações, deformações, deturpações, revalorizações[...] daquilo que é lembrado”.

Acerca da questão da memória e da história, Assman (2011, p. 53) pontua que “a memória se orienta para o passado e avança passado adentro por entre o véu do esquecimento”. Nesse sentido, pensa-se que acontecimentos históricos sombrios devem ser revalorizados por meio das reconstruções das lembranças dos personagens no tecido narrativo, pois as recordações dos que sofreram sob regimes violentos proporcionam reflexões e possibilitam rompimentos do véu do silêncio, de maneira que se exponham as cicatrizes deixadas nos vitimados desses tempos obscuros.

Quanto ao aspecto das repressões, por se observar menções aos maus-tratos realizados por algozes tanto com o personagem quanto com seus familiares em diferentes e espaços, é importante uma aproximação às contribuições de Jaime Ginzburg (2013), no que concerne às narrativas de violência. Segundo o pesquisador, “a estética da violência trabalha com o movimento tenso entre a vida e a morte, que admite recursos como a fragmentação, o grotesco, o abjeto e o choque” (GINZBURG, 2013, p. 29). Logo, é possível depreender que a leitura de uma obra literária, com um exacerbado nível de violência, como em *Camina o Revienta*, permite ao leitor uma identificação ou um estranhamento e/ou choque com relação a essas perspectivas agressivas, como também proporciona uma verificação das diversas facetas do fenômeno violento, suscitando uma busca pela motivação de tantos atos coléricos.

Sobre as diversas formas de compreensão do ato violento, a contribuição se encontra nos estudos de Xavier Crettiez (2009), uma vez que ele apresenta tipologias para a ação violenta. De acordo com o estudioso, a violência é um fenômeno que se faz presente no cotidiano da vida de qualquer ser humano, podendo ser detectada em ambientes domésticos, sociais e escolares, mas também no âmbito do Estado. Para Crettiez, o conceito de violência pode ser compreendido também a partir de uma forma que ele denomina de “aterrorización”, ou seja, uma maneira extrema, que tem por objetivo aterrorizar as populações que estão sob um determinado poder. Dentre as formas mencionadas por ele de aterrorizar encontram-se: as brutalidades totalitárias e as práticas de torturas, as quais estão balizadas pelo ódio à democracia e seus princípios. Percebe-se, com isso, que refletir sobre estéticas de violências é se aproximar das diversas manifestações dos atos cruéis e suas motivações para exercê-los, tendo como o opositor maior o próprio ser humano.

Assim, é através destas perspectivas que esta análise se debruça, dado que se fazem necessárias reflexões críticas sobre obras literárias que expressam as dores, as angústias, as opressões vivenciadas por diversas vítimas de violências autoritárias, especialmente as sensibilidades infantis, visto que nesta faixa etária muito do que é vivido não é compreendido, diferenciando-se do indizível, embora as marcas das crueldades possam proporcionar rechaços sobre as lembranças dos momentos. Entretanto, elas se fixam nos rincões da memória, possibilitando reconstruções do vivenciado, mesmo que apresentando a possibilidade de seleções e revalorizações de tais lembranças.

REMEMORAÇÕES DA INFÂNCIA EM TEMPOS FRANQUISTAS

A palavra infância advinda do latim *infantia* que, segundo Amarilha (2000), quer dizer incapacidade de falar, mudez. Esse conceito deriva do fato de se considerar que até os sete anos a criança era incapaz de falar. Tais ponderações partem das reflexões de Amarilha no seu artigo intitulado Infância e literatura traçando a história (2000). Por outro lado, a infância é contemplada nas narrativas literárias mediante os relatos de infância que, para Denise Escarpin, citada por Figueiredo (2013, p. 44), é compreendido como “um texto escrito [...] no qual um escritor, através de diversos procedimentos literários[...] conta a história de uma criança – ele próprio ou um outro” em continuação, ela pontua, que pode apresentar-se como um recorte da vida do infante.

Tais observações vêm à tona a partir das perspectivas voltadas para as distinções da escrita para a criança e da criança expressando suas subjetividades, pois verificou-se que, ao longo dos tempos, a literatura relacionada à perspectiva infantil passou por diversas mudanças. Inicialmente, a criança foi vista como um ser incapaz para o ato de falar; em sequência, ao mesmo infante concede-se a possibilidade de expressar o observado, o sentido. A partir do exposto, tendo a criança como protagonista de narrativas que evocam sensibilidades de tempos ditatórias, observa-se uma outra criança que não somente tem o direito a falar como, por meio da escrita e das estratégias narrativas, demonstra percepções que em outros tempos históricos ficaram ocultadas e que hodiernamente vem à tona por meio dos relatos de infância.

Esta perspectiva infantil é observada na obra *El Lute Camina o Revienta* quando, nas primeiras páginas do texto, tem-se o relato do dia do

nascimento do personagem em que ele busca, por meio de suas lembranças, descrever o ocorrido de forma mais veraz possível, fato percebido pela ênfase nas datas cronológicas e nos detalhes expressos:

El 15 de abril de 1942 [...] cuando regresó de la cárcel le vinieron los dolores del parto, y en el interior de nuestras chabolas, sobre un jergón, sin más asistencia médica que la de una vecina gitana [...] dio mi madre en medio, de sufrimiento, a luz un niño [...] mi madre dijo que hermoso [...] mis padres me llamaron [...]. Eleuterio Sánchez Rodríguez, cada cosa a su sitio. Nací en estas condiciones y era el tercer hijo de Davi y Serafina. No voy a narrar los seis primeros años de infancia, pues apenas me acuerdo de nada. Sólo diré que cuando había cumplido los seis años habían nacido tres hijos más (SÁNCHEZ, 2007, p. 23-24).

Nesse trecho, é possível observar a ênfase dada ao tempo histórico pontuado por meio da datação, fazendo com que o leitor se transporte para os tempos franquistas, já que a obra traz esse acontecimento como pano de fundo. Há também lacunas nas lembranças identificadas por meio das reticências que se configuram como fragmentações nas reminiscências do infante, uma vez que o personagem relata a dificuldade de lembrar os acontecimentos dos seis primeiros anos de sua vida, reminiscências que não se consolidaram, seja por conta da idade do ser, seja pela própria complexidade da estrutura de armazenamento da memória. Sobre isso, Izquierdo (2018) pontua que, enquanto algumas lembranças duram minutos ou dias, outras podem durar décadas. Isso acontece devido ao processo de consolidação das memórias.

Outras observações vêm à tona na cena do parto da mãe de *El Lute*, referindo-se a quando ele faz uma descrição do lugar e da pessoa que acompanhou sua mãe, no momento místico entre dor e prazer por parte da genitora. Nota-se que essas são recordações lhe foram contadas posteriormente, pois o protagonista menciona: “No voy a narrar los seis primeros años de infancia, pues apenas me acuerdo de nada”. Tal compreensão surge porque a palavra “apenas”, na língua espanhola, traz a denotação de “quase não”, demonstrando ao leitor a incapacidade de lembrar do fato como um todo. Porém, por meio de outros, nos relatos orais familiares, as imagens ficaram registradas em suas lembranças. Melhor explicando, o personagem estava presente na cena, mas, por não ter ainda a capacidade de armazenamento da memória, muitos acontecimentos lhe foram contados após algum tempo, possibilitando uma significação anos depois.

Assim, é possível corroborar com o pensamento de Halbwachs (2006) quando ele enfatiza a possibilidade de nossas recordações estarem imbricadas às lembranças de outros.

Contudo, o personagem acentua que consegue lembrar, embora sem muitas particularidades, o episódio do nascimento dos irmãos mais novos, fato que, provavelmente, deixou marcas memorialísticas em suas impressões, aproximando-se assim das menções de Izquierdo (2018, p. 2), quando ele pontua que “nossas memórias fazem cada ser humano ou animal ser um ser único, um indivíduo”. Em outras palavras, somos um produto de nossas memórias individuais que se compartilham com as de outras pessoas, ou com outros acontecimentos. Logo, o vivenciado e o contado servem como arquivos na memória.

Em continuação, identificou-se uma cena em que a presença do medo e da incompreensão se fizeram plausível na percepção do infante, fato percebido quando *El Lute* reconstrói o momento em que sua mãe, em uma madrugada, chora ao lado do corpo ensanguentado de seu pai, após esse ter sofrido violência física por buscar alimento para sua família.

Una noche, próximo a la madrugada, me desperté entre lamentos y sollozos. [...] mi madre, desgreñada, apenas vestida, gruñedo y articulando, de rodillas en el suelo, auxiliaba a mi padre que yacía en tierra cubierto de sangre, magullado, el rostro literalmente desfigurado: gemía, estaba medio muerto, era un espectáculo terrible. De verle así, irrumpí en llanto asustado (SÁNCHEZ, 2007, p. 27).

No excerto, nota-se um ser que, embora ainda inocente, em sua idade pueril, para as barbáries adultas, já consegue se sensibilizar diante das cenas de violências, e demonstra a angústia da criança em meio a tanta desumanização. É possível que o sangue do pai na sala prenuncie a difícil vida e de seus irmãos que se aproximava, junto aos momentos de humilhações que se seguirão ao longo de suas vidas.

Na mesma cena, identifica-se a imagem do choro da mãe como uma alusão à sequência de lágrimas que ela ainda iria derramar por conta das dificuldades para a sobrevivência dos familiares durante o franquismo, e as violências exacerbadas, que passaram tanto o patriarca como a mãe e os filhos, as quais foram impostas, resvalando em diversos momentos de dores e terrores.

Ao longo da narrativa, nota-se que Eleuterio Sánchez (personagem) tem, por sua mãe, um explícito carinho filial, sentimento observado em algumas caracterizações que ele evidencia: “mi madre fiel y abnegada” (p.

23); “era como un sol en el destartalado chamizo” (p. 37); e “era como si ella fuese un hada, transformaba las calabazas en carrozas” (p. 64). Por meio dessas qualificações, identifica-se que a presença dela, na vida dele, transformava a situação miserável em um momento prazeroso. Entretanto, com relação ao pai, inicialmente, não se percebe o mesmo sentimento por parte do filho, fato que vem à tona, provavelmente, porque a figura paterna mantinha um certo tom imperativo com ele e os demais do grupo familiar. Contudo, ao rememorar, enquanto adulto, os tempos de fome, e relacioná-lo com o pai, o personagem infere que:

ahora que reflexiono [...] mi padre era irascible y se comportaba como un tirano con nosotros. Era un hombre amargado y debía ser un sufrimiento espantoso para él vernos vivir en estas pésimas e infrahumanas condiciones, sin poder hacer nada para que cambiase; esclavo de su época, de su mentalidad (SÁNCHEZ, 2007, p. 24).

Recordações que demonstram a compreensão do filho no que se refere às ações imperativas do pai em relação a ele e toda a família naqueles tempos sombrios. Com isso, vê-se uma narrativa que se apresenta como um relato de um adulto marcado pelo enunciado, “ahora que reflexiono”, esse asseverando a relação do tempo presente como o tempo da memória, pois o passado se faz presente nestas reconstruções memorialísticas. De maneira que o passado-presente tem o marcador temporal servindo para ressignificar momentos incompreendidos pelo personagem enquanto criança mas que, ao longo do tempo, recebe uma outra significação, como mencionado acima. Nesse contexto, pode-se corroborar com as afirmações de Sarlo (2007, p. 10), quando ela pontua que “o passado se faz presente [...]; o tempo próprio da lembrança é o presente”.

Pensando sobre esse momento da vida do personagem, é importante trazer à discussão, especialmente sobre as lembranças infantis, os argumentos de Halbwachs (2006, p. 45), quando ele menciona que “a família é o grupo do qual a criança participa mais intimamente nessa época de sua vida e está sempre à sua volta”. Assim, é a partir dessas recordações seletivas que se percebe uma aproximação ou um distanciamento entre o vivido e o afetado no âmbito das recordações familiares. Faz-se importante ressaltar que, segundo o teórico, mesmo quando o grupo familiar não está presente nos momentos vividos pela criança, este se substancializa por ser o quadro de referência do infante.

Outra cena marcante na vida do personagem enquanto criança é a visita ao pai, na prisão, evento que impactou o menino, desdobrando-se em sentimento de angústia. Eis o fragmento que demonstra essa situação:

De niño, aunque sin estar preso, estaba detrás de las rejas. Sí, gruesos barrotes me separaban de quien quería, y en realidad, estar separado por rejas de quien se quiere, es en cierto modo estar preso también. La impresión que me causó la cárcel fue tremenda, un edificio austero, tremendamente triste, de ladrillos, tejas romanas y las ventanas cargadas de pesadas rejas. El conjunto era tremendamente tétrico y deprimente. No hacía falta tener mucha imaginación para comprender que era la casa del dolor y del sufrimiento. Fue la primera vez que me eché a llorar con el corazón de niño, lleno de angustia y de pena (SÁNCHEZ, 2007, p. 29).

A partir das estratégias narrativas identifica-se, no fragmento, as repetições do vocábulo 'tremenda' que, em sua primeira enunciação, surge como adjetivo e proporciona um sentimento aflitivo pela separação da figura paterna do âmbito familiar, como também pelo aspecto do lugar onde o pai se encontrava. Porém, observa-se a ênfase nas repetições semanticamente circunstanciais que ressoam como algo assustador, visto que a caracterização espacial representa um lugar "tremendamente tétrico". Com isso, é provável que a criança, nesse encontro, tenha guardado essas impressões e esse sentimento de pavor com relação ao ocorrido com a figura paterna e com o espaço degradante no qual ele fora obrigado a conviver.

Um outro momento narrativo, expresso no texto de Sánchez (2007, p. 33), "durante este invierno de 1949 cuando empecé la mendicidad. Sí, señores; tenía ocho años y me veía obligado, para poder comer un poco, a pedir limosna", é um fragmento que dialoga com as observações de Xavier (2009), quando ele pontua as tipologias da violência e, especialmente neste fragmento, está exposta a violência de Estado, quando esse permite que os civis passem fome, ou mesmo que não tenham um mínimo digno de sobrevivência, chegando a mendigar para abastecer o corpo faminto. Na obra, a família do protagonista vive em uma situação de extrema pobreza, não tendo um local para morar, passam por diversas privações e, por várias vezes, o roubo é a única solução diante do cenário degradante, fato que se confirma em uma outra passagem da narrativa: "entonces, y puesto em la alternativa de morirnos de hambre, me veía nuevamente obligado a "cazar

gallinas". No había otra salida, o eso o morirnos de hambre. Si al principio sentí orgullo robando gallinas, nunca sentí placer. Estaba obligado."

Sobre este fragmento, os pontos chave são contemplados na palavra "fome" e na expressão "estaba obligado". O sentir fome é algo inimaginável para um ser que não compreende o porquê de chegar àquela situação social, especificamente, quando já se vive em um cenário de violências bélicas no qual não se respeita crianças, jovens, adultos ou idosos, todos sofrem as ações desumanas. Fome. A menção "estaba obligado" a viver fazendo furto reforça as ponderações de Crettiz (2009, p. 42-43), citando Arend (1967, p. 90), observando que, "una vez establecida la relación que realmente existe entre la violencia y la necesidad, no había razón alguna para no concebir la violencia en términos de necesidad, y entender la opresión como causada por factores económicos". Reforça-se, com isso, a ótica da violência de tempos sombrios como motivacionais para as ações de furto pois, quando não se tem oportunidade de ganho para suprir as necessidades elementares do ser humano, o que resta é agir de forma "ilegal" diante de uma ordem sem ordem político-social. Tais situações estão em conformidade com a argumentação de Casanova (2002), quando ele se refere à época franquista como:

Así era esa España de autarquía económica, política y cultural, con los vencidos perseguidos y hambrientos y los vencedores encabritados por la venganza, marcados unos y otros por las secuelas de guerra, por las dificultades para sobrevivir entre tanta muerte, miseria y moral católica (CASANOVA, 2002, p. 31).

Assim, diante destas fotografias de violências ditatorial espanhola, se percebe que tantos os adultos como as crianças foram submetidos a graus elevados de maus-tratos, pois nada era poupado aos infantes. O mundo do adulto se entrelaça ao das crianças, e estas vivenciaram acontecimentos e ações que estão distantes de pertencerem ao mundo maravilhoso da infância. O lúdico não é contemplado, as famílias não vivem em relações saudáveis, e são expostas a todo tipo de violência. Segundo Casanova (2002),

mantener en la cárcel durante tanto tiempo a tantos prisioneros, torturarlos, asesinarlos con nocturnidad, dejarles morir de hambre y de epidemias, no fue, como la dura represión de pós-guerra en general, algo inevitable. Era el castigo necesario para los rojos vencidos y,

bajo ese supuesto, las sutilezas legales no tenían sentido (CASANOVA 2002, p. 25).

Outro ponto que o estudioso chama a atenção é com relação à presença de criança nestes tempos de terror. No sistema, segundo Casanova (2002), “los niños morían de meningitis, de hambre e incluso asesinados”. Portanto, ao longo das memórias infantis de *El Lute*, foram identificados encadeamentos de situações dolorosas e de ações violentas estruturadas para com os familiares do protagonista. Assim, pode-se notar que a presença dos fatos violentos deixou marcas inesquecíveis para o personagem Eleuterio Sánchez, possivelmente pelo nível da execução delas pelos algozes do sistema que o afetaram, perpassando pelo campo do não esquecimento e materializando-se no espaço do dizível pela linguagem literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da análise, verificou-se que o texto narrativo *El Lute Camina o Revienta*, de Eleuterio Sánchez, apresenta-se como reconstruções das lembranças dos atos violentos vividos pelo protagonista infante, inicialmente, e seus familiares durante a ditadura espanhola denominada de franquismo, momento histórico em que a Espanha ficou sob o poder ditatorial de Francisco Franco (1939-1975).

Quanto à perspectiva da memória, percebeu-se a tentativa de reorganização e revalorização dos atos repressivos impostos durante os sombrios tempos, demonstrados por falhas da memória, como também por seleções das imagens dos acontecimentos, tais como; a cena do nascimento, a visita ao cárcere, e o corpo violentado do pai na sala da casa. Cenário estético que impactou a criança, uma vez que a distância dos mundos maravilhosos para os mundos desastrosos foram a dicotomia forçada pela ação desumana sobre humanos, independentemente da idade em que se encontravam.

No que tange ao aspecto das violências, observou-se uma diversidade de formas de violências que se materializam, prioritariamente, com a do Estado. Tal violência foi identificada quando, ao longo do enredo, a fome, a falta de moradia e a falta de condições básicas são impostas à população representada pela família do personagem, isto é, o individual cambiando-se para o coletivo. Uma outra violência é contemplada pela ditatorial, na qual o poder sobre o corpo do outro é exercido sem reservas, utilizando-se de instrumentos de torturas, como o momento em que o filho visita o pai

na prisão. Por ser um infante, esta cena pode ser significada como um possível ato disciplinar na formação da criança. Uma terceira é a violência de estado se confundido com a política, marcada na cena do nascimento de *El Lute*, pois a mulher não tem a mínima condição de parir seu filho com dignidade como lhe é de direito, observando com isso que, em tempos ditatoriais, os direitos essenciais são retirados, excluindo uma das coisas salutares ao ser humano: a sua dignidade de pessoa.

Neste contexto, infere-se que a leitura da obra *El Lute Camina o Revienta* perpassa pelo campo relacional da literatura e história, apoiando-se nas lembranças de circunstâncias ditatoriais e, com isso, tempos violentos, trazendo em seu cerne a estética do estranhamento, do choque, do grotesco, proporcionando ao leitor reflexões sobre o viver em tempos de exacerbadas violências, as quais atingem prioritariamente as populações periféricas, as crianças, as mulheres e idosos e todos aqueles que não aceitam viver sob barbáries. Enfim, verificou-se a importância do relato de infância pontuado na narrativa, pois a voz da criança se apresenta como ato de linguagem dizível no que tange aos momentos históricos sombrios que impactaram e impactam o ser que se considera humano, uma vez que as crianças não têm suas vozes escutadas pelos que estruturam e executam as violentas ações com elas e diante delas.

ABSTRACT

It is observed that many contemporary narratives seek to bring out expressions that, for a long time, were hidden, reminiscences that were repressed. Among them, within the scope of the Spanish catastrophes, expressions can be seen through the literary work that evokes the experiences of infant characters that represent the violence suffered at this time. In this context, this article aims to analyze the atrocities suffered by children in the work *El Lute Camina o Revienta* (2007), by the Spanish writer Eleuterio Sánchez, who, in an imposing way, suffered the mistreatment of the Franco period, which began in 1939, after the Spanish Civil War, and lasted for approximately forty years. Therefore, the theoretical support is presented from the reflections of Assman (2011); Casanova (2002); Crettiez (2009), Ginzburg (2012) and Agamben (2005). It was found, therefore, that the lives of the characters, especially children, during the Franco regime, were permeated by pain, fear, and anguish, since repressions were carried out indiscriminately by the executioners of the dictatorial regime.

Keywords: Childhood, Francoism, *El Lute Camina o Revienta*.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, G. Experimentum Linguae. *In*: **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

AMARILHA, M. Infância e Literatura traçando a História. **Educação em Questão**, v.10-11, n. 2, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/9497>>. Acesso em: 20.jul.2021.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: UNICAMP, 2011.

CASANOVA, J. **Morir, Matar, Sobreviver**: La violencia en la dictadura de Franco. Barcelona: Crítica, 2002.

CRETTEZ, X. **Las formas de la violencia**. Buenos Aires: Waldhuter, 2009.

ESCARPIT, D. Relatos de Infância. *In*: FIGUEIREDO, E. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

GINZBURG, J. **Literatura e melancolia**. Campinas: Autores Associados, 2012. IZQUIERDO, I. **Memória**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

SANCHEZ, E. **El Lute Camina o Revienta**. Barcelona: Almuzara, 2007.

SARLO, B. **Tempo Passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 9-22.

UMBACH, R. Violência, memórias da repressão e escrita. *In*: SELIGMANN-SILVA, Marcio; HARDMAN, Francisco Foot (org.). **Escritas da Violência**: o testemunho. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.